

Fátima, o Papa e o aborto

Nuno Serras Pereira

À primeira vista somos levados a pensar que Fátima nada tem a ver com a questão do aborto. Segundo alguns será, inclusive, uma inconveniência de mau gosto, se não mesmo um aproveitamento, relacionar as duas coisas. No entanto, como adiante veremos, o Santo Padre parece não pensar assim.

Antes, porém, e para ajudar à compreensão do tema, gostaria de recordar o que escrevi, acerca de três anos, num pequeno texto intitulado “Fátima, Madre Teresa e aborto”: «O Anjo de Portugal, na primeira aparição, identifica-se como o “Anjo da paz” parecendo assim indicar que ao povo português foi confiada a missão de levar a paz ao mundo. Nossa Senhora parece confirmá-lo logo na primeira aparição: “Rezem o terço todos os dias para alcançarem a paz para o mundo [...]”. Todos estamos cientes de que esta mensagem, embora também dissesse respeito àquele tempo, é dotada de um conteúdo permanente e orientada para o futuro.

«Ora, umas palavras de M. Teresa ajudam-nos a entrever nela um alcance inesperado: “Muitas vezes afirmei, e disto estou certa, que *o maior destruidor da paz no mundo de hoje é o aborto*. Se uma mãe pode matar o seu próprio filho, o que poderá impedir, a mim ou a ti, de nos matarmos um ao outro?” Também M. Schooyans, grande perito no assunto, escreve: “As guerras tradicionais matam os homens para conquistar territórios, conseguir vantagens comerciais, tutelar interesses, assegurar a livre circulação, aceder aos recursos e ainda por outros motivos. Com a liberalização do aborto, a supressão da criança não nascida é apresentada como condição para que os homens vivam e sejam felizes. Mata-se e faz-se com que a lei diga que é *justo* matar [...] Aqui o homem é percebido como o obstáculo por excelência à felicidade do homem. Esta guerra é por isso mais cruel do que todas as outras e portanto mais homicida. *É a maior guerra da história e a mais injusta.*” E João Paulo II conclui falando, na sua encíclica “O Evangelho da Vida”, de uma “*objectiva conjura contra a vida*”, de uma “*guerra dos poderosos contra os débeis*”, e de “*um massacre permanente de vidas humanas inocentes*”.

«Parece, pois, que Fátima tem um papel central em 1. Anunciar, celebrar e servir o Evangelho da Vida; 2. evitar que seja legalizado o aborto em Portugal –“Atraí [...] sobre a vossa pátria a paz” (2º aparição do Anjo); 3. Ser ponto de partida para a reenvagelização do mundo para que se reconheça universalmente o carácter sagrado e inviolável de cada vida humana desde a sua concepção.».

O Papa, durante este ano Jubilar, tem apelado insistentemente ao respeito do direito à vida, sem mais. Todos sabemos que o Santo Padre sempre ensinou que este direito se deve reconhecer e estender a todos e cada um dos seres humanos, desde o momento da sua concepção e em todas as etapas da sua existência até à morte natural. No entanto, se me não atraiçoa a memória, o Papa só se referiu explicitamente, este ano, volto a repetir, ao ser humano não nascido em quatro ocasiões. A primeira, aquando da comemoração do 5º aniversário da publicação da encíclica *Evangelium Vitae* (Fevereiro); a segunda, na audiência concedida aos participantes do Congresso Internacional promovido pelo Instituto de Clínica Ginecológica e Obstétrica da Universidade “La Sapienza” de Roma

(Abril); a terceira, em Fátima, no dia treze de Maio; a quarta, no dia 8 de Outubro, na Praça de S. Pedro, em Roma, aquando do acto de consagração da Igreja e do Mundo ao Imaculado Coração de Maria, diante da Imagem de Nossa Senhora de Fátima - a esta consagração, que reuniu o maior número de Bispos desde o Concílio Vaticano II, João Paulo II chamou um *acto colegial* (na alocução no dia anterior aquando da oração do terço na mesma praça). Nesta oração, o Papa refere-se por duas vezes aos ataques à vida humana, antes do nascimento: a primeira, no nº 3: “A humanidade possui, hoje, instrumentos de força inaudita: pode fazer deste mundo um jardim ou reduzi-lo a um amontoado de ruínas. Conseguiu uma *capacidade extraordinária de intervenção sobre as próprias fontes da vida* (sublinhado meu): pode usá-la para o bem, dentro das margens da lei moral, ou ceder ao orgulho míope duma ciência que não aceita confins, *até espezinhar o respeito devido a todo o ser humano* (sublinhado meu)””; a segunda, no nº 4: “Nós Te consagramos todos os homens, a começar pelos mais débeis: *as crianças que ainda não foram dadas à luz* (sublinhado meu) ...”

De facto, aquando da sua última visita a Fátima, afirmou que o ataque contra a vida dos nascituros fazia parte do “jogo do Dragão” enganador, que a Virgem Maria veio derrotar.